O MEU AMIGO PINTOR, DE LYGIA BOJUNGA: A ASSIMILAÇÃO DA MORTE NO UNIVERSO INFANTIL

Arlene Rosa Eustáquio (ILEEL/UFU)

arlenerosae@gmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é refletir sobre questões que circundam a obra **O meu amigo pintor**, de Lygia Bojunga. O livro, escrito em forma de diário, trata de um momento da vida de Cláudio, de onze anos, que perde seu melhor amigo, um pintor já adulto, que lhe ensinara a ver as cores do mundo e dos sentimentos. Dessa forma, Cláudio tem que lidar com o suicídio do amigo e com questões difíceis de ser assimiladas por uma criança, como a perseguição política na época da ditadura militar, o amor que se revelara impossível entre o Pintor e Clarice, a frustração do amigo, que não se considerava um verdadeiro artista e a inevitável perda. Desfazendo o tabu que ronda a morte no universo infantil, de forma sensível e partindo da perspectiva da criança, Lygia consegue unir dor e conforto e revela que nem sempre há um final feliz, mas que é possível haver recomeços marcados pela esperança e pela alegria. Fundamentarão este estudo, basicamente, o texto **Aula**, de Roland Barthes, que retrata o fato de a literatura infanto-juvenil não ter somente caráter pedagógico e moralizante, e também os estudos de Laura Sandroni, que iluminarão as questões referentes à adequação da linguagem ao mundo infantil por Lygia Bojunga.

Palavras chave: Lygia Bojunga, literatura infantil, morte, criança.

INTRODUÇÃO

O meu amigo pintor surgiu de uma encomenda feita por uma editora, a fim de que Lygia Bojunga escrevesse uma história que acompanhasse nove telas abstratas de Tomie Ohtake, uma famosa pintora japonesa naturalizada no Brasil. Tal fato é relatado pela própria autora em **Pra você que me lê**, ao final do livro. A princípio, a autora recusou-se a escrever o livro, pois já fazia tempo que não aceitava encomendas de trabalho, mas resolveu ponderar e, antes de dar uma resposta negativa, afirmou que pensaria sobre a proposta. O tempo passou, Lygia foi morar em Londres e recebeu o prêmio Hans Christian Andersen (na época do anúncio da premiação, recebeu também um telegrama que noticiava a morte de sua mãe, Margarida). Passado mais algum tempo e pressionada pela editora, a autora decidiu olhar as telas e delas foram surgindo as lembranças:

Elas arrancaram o nome do meu irmão que morreu (Cláudio);

arrancaram a lembrança de um amigo muito querido que se matou;
arrancaram lembranças de Petrópolis, de nevoeiros, de conversas nas
sombrias das árvores;
lembranças da minha adolescência, quando me deixaram de coração
esborrachado...;
lembranças de amigos sofrendo perseguições na época da ditadura;
lembranças que iam se misturando, se impregnando das cores para
onde meu olho voltava sempre. (BOJUNGA, 2006, p. 95).

A história ficou pronta em menos de um mês, e foi publicada em 1987. Primeiramente o livro foi lançado tendo como título **7 cartas e 2 sonhos**, já que o narrador, Cláudio, que também é personagem, por meio de sete cartas e dois sonhos, relatava à pintora, Tomie Ohtake, o fim da vida de seu amigo pintor, que havia praticado suicídio. Ao voltar ao Brasil e criar sua própria editora, a Casa Lygia Bojunga, a autora alterou a forma de Cláudio narrar a sua história, já que agora a estrutura aproxima-se mais de um diário do que de cartas, e mudou o título da obra, que passou a ser **O meu amigo pintor**. Mais tarde a história foi adaptada para o teatro e venceu dois grandes prêmios teatrais, o Molière e o Mambembe.

DESENVOLVIMENTO

O livro conta como Cláudio, um menino de aproximadamente 11 anos, enfrenta a morte de seu amigo pintor, um homem que foi perseguido na época da ditadura, perdeu o amor de Clarice e não conseguia se realizar por meio de sua arte. Partindo da forma como a criança observa e compreende essas situações, sem tentar impor a visão do adulto, a obra revela como o menino consegue entender e superar a tristeza pela morte do amigo.

Cláudio inicia a narrativa contando que numa terça-feira chegou da escola e soube da morte do pintor. Foi ao seu apartamento, que era no mesmo prédio e viu o amigo morto, mas não conseguiu permanecer no local e correu para seu quarto: “De repente comecei a me sentir todo escuro por dentro. Tão escuro que não dava pra enxergar mais nada dentro de mim.” (BOJUNGA, 2006, p. 11). É dessa forma que se iniciam a confusão, as dúvidas e a dor de Cláudio.

Quando o menino começa sua narração, o pintor havia morrido há três dias e, a princípio, Cláudio desconhecia o fato de tratar-se de suicídio. Após a morte do amigo, ele começa a compreender o que o pintor lhe falara sobre reconhecer as cores e relacioná-las a um estado de espírito:

Mas hoje teve uma hora que eu não estava a fim de olhar pra cara de ninguém. Então abri o álbum que ele tinha me dado. Só pra poder ficar olhando pra cada cor e mais nada. Olhei, olhei, toca a olhar. E de repente eu entendi direitinho o que ele tinha falado! Me deu uma vontade danada de ir lá em cima dizer:

“Saquei o que você me disse naquele dia! estou entendendo demais esse preto; te juro que me deu um estalo e estou entendendo o jeito que esse amarelo pegou.” (BOJUNGA, 2006, p. 09).

A simbologia das cores está presente ao longo da história e explicam e norteiam certos sentimentos. O branco (nevoeiro) representa a morte, o vermelho a confusão. Clarice, a paixão do pintor, sempre é retratada por meio da cor amarela, que está ligada à ambivalência e também à traição. Clarice havia sido a primeira namorada do pintor e eles tinham planos de se casar. No entanto, o envolvimento do pintor com a política fez com que os dois se desentendessem, já que “em vez de gostar só dela, ele tinha dado pra gostar de tudo quanto é brasileiro igual” e ia para comícios e reuniões em todo o país.

O pintor foi preso e Clarice não recebera nenhuma de suas cartas e veio a se casar com outro homem, com o qual teve um filho. Ao se reencontrarem, após longos anos, embora sabendo do amor que ainda existia entre eles, Clarice relutava em deixar a família e ir viver com o pintor. Dessa forma, ele convivia com a frustração política e amorosa, além de não conseguir se realizar como artista:

- Mas você é um bom pintor!

- Não! não, eu não sou. Eu sei muito bem como é que se pinta; eu tenho técnica, trabalho e trabalho pra ver se dou vida aos meus quadros. Mas não adianta: são telas mortas. – Foi apontando com o pincel: - Olha. Olha! Olha!! não dá pra ver? não dá pra sentir que minha pintura não tem vida? (BOJUNGA, 2006, p. 58).

É dessa forma, aliando a subjetividade da arte com o desespero, que o pintor resolve se matar. A falta de uma solução que lhe permitisse superar seus conflitos gerou o desespero e o descontentamento com a própria vida, sendo a morte a única opção que resolveria seus impasses. No entanto, entre as decepções e falta de perspectivas do pintor estava Cláudio, uma criança. Como observa Laura Sandroni (1987), o amigo não tem nome próprio, mais importante que um nome é a relação de amizade verdadeira existente entre eles, que é um sentimento positivo para ambos.

Ao morrer, ao invés de uma carta de despedida, o pintor deixou para o amigo um presente em que se lê no embrulho: “Para o meu parceiro de gamão”. Era o tabuleiro de gamão, seria a lembrança dos momentos bons que os amigos viveram juntos. Para Clarice, havia pintado flores (cravos e margaridas) e deixado um pedido simples de desculpa.

Laura Sandroni também chama a atenção para o fato de que a insatisfação do pintor com a obra, como já foi dito anteriormente, tenha causado a depressão, capaz de explicar o suicídio. O pintor não via sentido na própria existência, sentia-se inútil, limitado, incapaz de criar. A impossibilidade de realização estética é também a impossibilidade de viver. Ainda de acordo com Laura Sandroni foi a “insatisfação pessoal, o sentimento de não realização conduzindo à morte. Tarefa e vida estão totalmente ligadas para o escritor. Para de escrever é também uma forma de morrer.”. No caso do pintor, suas telas sem vida era o prenúncio de sua morte.

Um fato desses, a violência contra si mesmo, costuma ser um tabu dentro do universo infantil. Os adultos preferem esconder das crianças que exista a morte, e no que diz respeito ao suicídio, a questão é ainda mais complexa. Tanto que os pais de Cláudio preferem não dizer a ele a forma como o amigo morreu, já que, de acordo com eles, Cláudio não entenderia: “-Você não tem mais que ficar pensando nisso, Cláudio. Na sua idade a gente que pensar é na vida e não na morte. Você tem outros amigos...” (BOJUNGA, 2006, p. 30).

No entanto, a criança não é um sujeito desprovido de inteligência ou sentimento, como bem se revela Cláudio. Apesar da falta do amigo (as batidas do relógio no apartamento onde ele morava pareciam revelar que ele ainda estava lá), Cláudio consegue, com o tempo e a recordação do amigo, assimilar bem o luto, transformando toda a sua confusão em entendimento, buscando na explicação dos fatos e na simbologia das cores uma nova forma de encarar a morte: “Acho que é por isso que eu olho tanto pro vermelho que ele pintou aqui no álbum. Pra ver se eu entendo. Pra ver se eu entendo por que que tem gente que se mata.” (BJUNGA, 2006, p. 19).

CONCLUSÃO

Lygia Bojunga consegue recriar o espaço infanto-juvenil por meio da linguagem, que por ser coloquial, aproxima-se muito do universo da criança. Além disso, desfaz o pensamento referente à literatura destinada a esse público, que tinha

como finalidade a imposição de comportamentos e formas de pensamentos, já que os textos estavam sempre ligados à pedagogia e à escola. Valorizando o lúdico, a fantasia e a fabulação, a autora consegue adentrar o universo infantil e tratar de temas delicados, que não podem e não devem ser afastados da criança, pois fazem parte de seu cotidiano. Laura Sandroni considera que:

A narrativa de Lygia Bojunga Nunes lida com o problema da autoridade, deslocando-o para a perspectiva da própria criança. Ela assume como seus, de forma extremamente sensível, as angústias e os problemas existenciais da infância frente ao adulto que se crê dono de todas as verdades. (SANDRONI, 1987, p. 39).

É dessa forma, percebendo a criança como um ser humano em potencial, que a autora consegue mostrar a superação conseguida por Cláudio. Mesmo após a morte, o pintor ainda estava presente, ajudando o menino a pensar, a resolver seus conflitos e a elaborar melhor o sentimento de perda. À medida que Cláudio começa a compreender as cores, passa a compreender a si mesmo e daí vem o amadurecimento. Com a ajuda também de Clarice (exemplo de adulto capaz de compreender o universo infantil), ele começa a entender que apesar da morte, da ausência e da saudade, a vida continua e pode ter muitos momentos de alegria.

É assim que o vermelho, que era a cor que representava a confusão, cedia lugar ao amarelo, que apesar de ambivalência, começava a revelar o início do entendimento da perda e da morte:

Pra mim, morte também é coisa vermelha, coisa difícil de entender. Mas se ela vem feito ela vem pra tanta gente todo dia, aí fica mais fácil um pouco de sacar. Então eu vim pra casa com aquela frase voltando sempre na minha cabeça: ele morreu que nem todo mundo um dia morre. E aí aconteceu uma coisa que eu achei bem legal: foi nascendo um amarelo lá dentro do meu vermelho. (BOJUNGA, 2006, p. 23).

É dessa forma, assimilando e reconstruindo o real, que a literatura infanto-juvenil, como deve ser a literatura de forma geral, permite a recriação, como explica Roland Barthes:

A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro ou derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas sabe *de* alguma coisa; ou melhor, que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens. (BARTHES, 1978, p.19).

Apesar de ser uma criança, Cláudio compreende que precisa saber o que aconteceu com o amigo, necessita relacionar todos os fatos (a questão política, a pintura, o amor por Clarice) para assimilar tudo o que aconteceu. É enfrentando os fatos (os pais queriam escondê-los, incapazes de compreender o universo infantil) que ele é capaz de vivenciar uma nova etapa em sua vida de forma saudável: o início da adolescência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, s. d.

BOJUNGA, Lygia. **O meu amigo pintor**. 22.^a ed. Rio de Janeiro: Editora Casa Lygia Bojunga, 2006.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.